

CARTA 718

A Roque Monteiro Paim³⁸¹

Meu Senhor. Com as mãos levantadas ao Céu, e com os olhos reben-
tando em lágrimas, li esta carta de Vossa Mercê, tão cristã, tão católica,
e verdadeiramente apostólica que, como as dos antigos apóstolos, se
devera mandar ler por toda a Igreja, e aos ministros de todos os príncipes
que têm nome de cristãos. Bem parece que fala pela voz de Vossa Mercê,
e escreve pela sua pena, o espírito que o Céu tem infundido no coração
de Sua Majestade, com o zelo da propagação da Fé e salvação das almas
para que Deus fundou a Sua monarquia, excedendo nesta prerrogativa,
e não só igualando a todos os senhores reis seus predecessores. Com
ela se consola o meu amor de Portugal, entre tantas misérias presentes,
não podendo duvidar que falte ou se esqueça Deus de fazer glorioso
e felicíssimo a um Príncipe tão inclinado e atento a tudo o que é de seu
principal serviço, e maior glória.

Dou a Vossa Mercê as graças, e não sem grande confusão minha,
e nossa, do conceito que Vossa Mercê tem do espírito da Companhia.
Assim repartirá Deus, como o de Moisés, a quem Vossa Mercê nos
compara, o zelo e desejo que eu tenho de que todos nos empregássemos,
e com todas as forças, nesta obra tão própria do nosso Instituto. Mas
nem a todos por Seus ocultos juízos concede Deus as mesmas inspira-
ções, nem todos, posto que vestidos do mesmo hábito, somos para tudo.

Também eu não tive proximamente cartas do Maranhão, onde Deus
nas terras do Cabo do Norte permitiu que matassem ou martirizassem
os bárbaros o maior sujeito que lá tínhamos³⁸². Era português, e de maio-
ridade, e bem entendo quão importante é o concurso destas duas con-
dições nos que hão de ser colunas e cabeças de que dependa o governo
e direção dos demais, principalmente sendo força estarem divididos,
e não tão perto, e sujeitos à mesma direção como nos colégios. A utili-
dade, e ainda necessidade, de que sejam moços para poderem aprender
as línguas bárbaras, é a que na carta de Sua Majestade digo. Os velhos
não nascem, mas fazem-se em muitos anos, e já haviam de estar feitos

381 Original BPE, cód. CXIII/2-15; publicada por Lúcio de Azevedo, *História de António Vieira*, 1918-1921. Desembargador do Paço, Juiz da Inconfidência e Secretário de D. Pedro.

382 O P.^e António Pereira, morto em setembro de 1688, às mãos de índios oivanecas, na Missão do Cabo do Norte (cf. João Filipe Bettendorff, *Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no estado do Maranhão*, Rio de Janeiro, J. Leite, 1910 (1698), pp. 425-431). Foi também vítima do ataque o P.^e Bernardo Gomes, que o acompanhava nos trabalhos na região desde 1687. No processo de anúncio das mortes, o P.^e Aloísio C. Pfeil afirmou que os religiosos tinham sofrido um verdadeiro martírio.

quando se começam as novas empresas. Nesta Província os não temos, e ultimamente permitiu Deus para exercitar nossa fé, e paciência, que em menos de dois meses sepultássemos neste Colégio da Baía oito de todas as idades, e dois deles, um em exercício de mais de vinte anos, e outro em iguais esperanças, os mais insignes missionários, e de maior ciência, e prática nas línguas dos bárbaros.

*Utinam omnes prophetarent!*³⁸³ Faça-se o serviço de Deus, e os instrumentos sejam quais Ele escolher, e a quem der maior graça. Só afirmo a Vossa Mercê, sem paixão, nem afeto próprio, que os meios de salvar as almas principalmente deste género em nenhuma Religião estão mais bem ordenados e estabelecidos, que na Companhia, pelo fundamento das línguas não infusas pelo Espírito Santo, mas aprendidas com imenso trabalho. O Arcebispo que Deus tem, como filho de Varatojo, só tinha por espírito verdadeiro e verdadeiras Missões as daquela escola. As tão encarecidas que nesta cidade e seu Recôncavo fizeram os religiosos do seu hábito, com grande exemplo e zelo, consistiram todas na introdução da via-sacra em língua portuguesa, de que geralmente se podiam aproveitar só os que não falam, nem entendem outra. A de Pernambuco à Baía não foi só, mas depois se fizeram outras muitas de que irá copiosa relação, não falando nas permanentes e fixas, que são as que mais fazem, e mais importam.

Muito me admiro (mas tal é o sumo zelo em Sua Majestade de salvar a todos) que sem outra informação dos superiores desta Província houvesse por bem a oferta feita por um padre particular de ir aos Palmares³⁸⁴. Este padre é um religioso italiano de não muitos anos, e posto que de bom espírito, e fervoroso, de pouca ou nenhuma experiência nestas matérias. Já outro de maior capacidade teve o mesmo pensamento; e posto em consulta, julgaram todos ser impossível e inútil por muitas razões. Primeira, porque se isto fosse possível havia de ser por meio dos padres naturais de Angola que temos, aos quais creem, e deles se fiam, e os entendem, como de sua própria pátria e língua; mas todos concordam em que é matéria alheia de todo o fundamento e esperança. Segunda, porque até deles neste particular se não hão de fiar por nenhum modo, suspeitando e crendo sempre que são espias dos governadores para os avisarem secretamente de como podem ser

383 "Quem dera que todos profetizassem" (Nm 11, 28).

384 Escravos rebeldes, em fuga, que haviam formado povoações em diferentes sítios, nas proximidades do rio de São Francisco, e assim denominados pelas muitas palmeiras que haviam plantado. Quilombo dos Palmares foi o maior reduto de escravos do século XVII, na Capitania de Pernambuco, na região da Serra da Barriga. O início deste quilombo deu-se na última década do século XVI e conquistou fama, no século seguinte, pela quantidade de escravos que reuniu na sua resistência contra o sistema escravagista. As invasões holandesas favoreceram o fortalecimento do quilombo, que foi violentamente reprimido, após reiteradas tentativas, malogradas, por Domingos Jorge Velho nos idos de 1695, quando o líder Zumbi foi morto.

conquistados. Terceira, porque bastará a menor destas suspeitas, ou em todos, ou em alguns, para os matarem com peçonha, como fazem oculta e secretissimamente uns aos outros. Quarta, porque ainda que cessassem dos assaltos que fazem no povoado dos portugueses, nunca hão de deixar de admitir aos da sua nação que para eles fugirem. Quinta, fortíssima, e total, porque sendo rebelados, e cativos, estão e perseveram em pecado contínuo, e atual, de que não podem ser absoltos, nem receber a graça de Deus, nem se restituírem ao serviço e obediência de seus senhores, o que de nenhum modo hão de fazer. Só um meio havia eficaz e efetivo para verdadeiramente se reduzirem, que era concedendo-lhes Sua Majestade e todos seus senhores espontânea, liberal e segura liberdade, vivendo naqueles sítios como os outros índios, e gentios livres, e que então os padres fossem seus párocos, e os doutrinassem como aos demais.

Porém esta mesma liberdade assim considerada seria a total destruição do Brasil, porque conhecendo os demais negros que por este meio tinham conseguido o ficar livres, cada cidade, cada vila, cada lugar, cada engenho seriam logo outros tantos palmares, fugindo e passando-se aos matos com todo o seu cabedal, que não é outro mais que o próprio corpo.

A Deus, a Sua Majestade e a Vossa Mercê como principal instrumento de tudo, com tanto zelo, e trabalho, dou infinitas graças pela expedição de todos os despachos em tanta utilidade das Missões que trouxe o Padre António Rangel, alguns dos quais ouvi ler ao Governador, de cuja execução não duvido por seu zelo e pontualidade na obediência de tudo o que Sua Majestade lhe ordena.

Finalmente, meu senhor, para consolação de Vossa Mercê naquele grande ponto de Purgatório e Inferno, lhe dou a Vossa Mercê por novas que, dando este ano um sarampão geral pelas aldeias dos índios, subiram delas ao Céu e sem passar pelo Purgatório muito número de almas inocentes, que só no Saco dos Morcegos, me avisaram os padres que lá residem, foram mais de quarenta; fruto em que não há dúvida. Este é o que Vossa Mercê justamente chama "objeto que tem puro o fim". E eu aqui faço o desta carta, parando sem parar, como Vossa Mercê também diz, no que para todos há de ser eterno. Deus guarde a Vossa Mercê muitos anos, e a todos os senhores dessa casa, de que sou tão antigo criado, com todas as verdadeiras felicidades que muito do coração desejo, e ao mesmo Senhor peço em todas minhas orações e sacrifícios.

Baía, 2 de julho de 691.

Muito obrigado criado
ANTÓNIO VIEIRA